

UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 147
JAN./MAR. 2016 TRIMENSÁRIO - **€** 0,20

PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES**

WWW.URAP.PT **geral@urap.pt**

EDITORIAL

LUTA É DETERMINANTE

Diz-nos a experiência de muitos anos feita, de luta pela liberdade, democracia e o progresso social, antes e depois de Abril, enquanto resistentes de sempre e como activistas da causa dos trabalhadores nas empresas onde trabalhámos ou naquelas onde de algum modo, estivemos ligados, e mesmo no movimento associativo popular, nas colectividades, defendendo e promovendo os interesses populares, que o que sempre determinou a evolução dos acontecimentos foi a luta dos trabalhadores e do povo por objectivos imediatos e mais gerais, numa relação dialética, que transformava muitas vezes uma luta pelo pão (por melhores salários e direitos sociais) numa luta pela liberdade. Uma luta económica que se transforma em luta política… Não por obra e graça… mas porque o elemento consciente a vai ajudar a que chegue lá!

Tudo isto para dizer que foi determinante e decisiva a constante luta de resistência contra o chamado «pacto de entendimento», que chamaremos de pacto do empobrecimento e do retrocesso social, assinado pelos partidos que há mais de quarenta anos tem ocupado o poder (PS, PSD e CDS).

Pacto de empobrecimento e retrocesso, agravado drasticamente, nos últimos quatro anos de governo de direita, PSD/CDS, transformando a vida de todos nós, trabalhadores do sector privado e sector público, reformados, juventude, estudantes, etc… Num autêntico inferno. Mas que o nosso povo derrotou nas eleições legislativas do passado dia 4 de Outubro de 2015, criando as condições que permitiram ao PS formar governo, com apoio dos partidos à sua esquerda.

Mas queremos voltar a sublinhar que nada disto teria sido possível sem a luta de resistência que incansavelmente os trabalhadores e o povo desenvolveram a que nós, URAP, demos o nosso modesto contributo, participando nessas acções, respondendo aos apelos da grande central de classe dos trabalhadores portugueses, a CGTP-Intersindical Nacional, a cujo congresso, que se realizava naquele momento em Almada, enviámos uma saudação da nossa Assembleia-Geral de 27 de Fevereiro passado.

O novo quadro político abre perspectivas de alívio àqueles que mais sofreram com a agressiva política do governo de direita PSD/CDS, que cortou e reduziu drasticamente salários e pensões no seu poder de compra real. Que aumentou impostos, que cortou direitos adquiridos, que afrontou constantemente a Constituição da República, que faz 40 anos, a Constituição de Abril, que apesar das revisões que a adulteraram, continua a ser das mais avançadas do mundo e por isso temos que a defender e lutar para que se cumpra e se faça cumprir.

Portanto, que a defesa dos interesses imediatos, tão importantes na hora presente, nunca se desliguem da luta por objectivos mais gerais, numa relação dialética (sem pedantismos, companheiros)... Como é importante, companheiros, conhecermos as leis da dialética, para em cada instante termos a percepção clara do momento histórico em que nos inserimos e lutamos, isto é: quando desenvolvemos a luta por aumentos salariais e outras reivindicações de carácter social, que nos permitam melhorar as nossas condições de vida e de trabalho, concretizando a «posição conjunta sobre a solução política» subscrita pelos partidos que estão na base da actual solução política, sabendo que se age em conformidade com o espírito e a letra da Constituição da República.

Nós estamos a agir apenas no sentido de obtermos resultados imediatos mas também estamos a contribuir para desenvolver a luta mais geral, para um patamar novo, de aprofundamento da democracia em consonância com o texto constitucional e no interesse dos trabalhadores e de todas as classes e camadas sociais antimonopolistas.

Ainda não se sentem os efeitos práticos das alterações positivas realizadas no plano político/orçamental e já as instâncias internacionais e nacionais do grande capital procuram interferir de forma inadmissível e vergonhosa na nossa vida política, no sentido de impedir as mudanças que se perspectivam: UE, agências de *rating*, associações do grande patronato, com grande apoio mediático, fazem coro, a tentar inverter o que o povo português democraticamente decidiu a 4 de Outubro de 2015.

Bento Luís

ASSEMBLEIA-GERAL DA URAP - págs. 3 a 5
A URAP realizou, no dia 27 de Fevereiro, a sua Assembleia-geral, na qual foram definidos os objectivos de intervenção para os próximos anos.

CANTE ALENTEJANO - pág. 6

MUSEU DO ALJUBE - pág. 7

HOMENAGEM A MARIA JOSÉ RIBEIRO

A dirigente da URAP Maria José Ribeiro foi homenageada, dia 12 de Janeiro passado, na Casa da Beira Alta, no Porto, por ocasião dos seus 80 anos, pelo contributo que deu durante toda a vida à causa da democracia antes e depois do 25 de Abril.

Militante do Partido Comunista Português desde 1956, fundadora e activista do Movimento Democrático de Mulheres, primeira mulher presidente do Sindicato Nacional de Profissionais de Seguros e autarca, Maria José Ribeiro constitui um exemplo de mulher e cidadã empenhada na luta pelos ideais de liberdade, democracia e socialismo.

Na cerimónia, que reuniu cerca de 120 pessoas, usaram da palavra Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP, Márcia Oliveira, pelo MDM, Ilda Figueiredo, pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação, Paulo Mourato, pelo SINAPSA, e Teresa Lopes, pelo PCP.

Nascida em Lisboa em 1936, ano em que o seu pai, Joaquim Ribeiro, foi preso na sequência da Revolta dos Marinheiros e enviado para o campo de concentração do Tarrafal, Maria José Ribeiro passou grandes dificuldades económicas que viriam a condicionar os seus estudos em criança, tendo só mais tarde podido estudar na Instituto Comercial do Porto. Só viria a conhecer o pai aos 16 anos e a família desloca-se então para o Porto, onde integra a Comissão de Jovens de Apoio à Candidatura de Humberto Delgado em1958, ano em que foi presa pela primeira vez pela PIDE. Seria presa mais duas vezes em 1962 e 1964.





PROJECTO «DO HEROÍSMO À FIRMEZA»



Uma sessão de lançamento da primeira pedra decorrerá no Porto dia 26 de Abril, às 17h, junto ao edifício onde funcionou a delegação da PIDE, visando dar início à implementação faseada do Projecto Do Heroísmo à Firmeza – Percurso na memória da casa da PIDE, no Porto (1934-1974).

O actual Museu Militar do Porto vai contar com a identificação dos percursos e salas usadas pela prisão durante o fascismo, de acordo com o protocolo assinado dia 1 de Setembro passado, que culminou mais de 10 anos de luta da URAP para preservar a memória dos milhares de presos que passaram pela cadeia do Porto e que, para além da privação da liberdade por delito de opinião, foram vítimas de tortura e até da morte.

A data escolhida para a realização da sessão é simbólica, pois foi a 26 de Abril de 1974 que o edifício foi resgatado pelos Militares de Abril, foram presos os agentes da PIDE e soltos os últimos presos políticos que ali se encontravam.

A URAP, através do Núcleo do Porto, lança agora uma campanha de fundos – que inclui donativos financeiros, ofertas de objectos de arte, de colecção, de memória, a utilizar num leilão – destinada à implementação do projecto, para a qual apela e conta com o vosso apoio individual ou colectivo.

URAP
Propriedade e edição
da **União de Resistentes Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

URAP REALIZOU ASSEMBLEIA-GERAL

EM NOME DA MEMÓRIA E DO FUTURO





A Assembleia-Geral da URAP realizou-se no dia 27 de Fevereiro no auditório da Biblioteca-Museu República e Resistência, em Lisboa. A mesa foi constituída pelo presidente da Mesa da Assembleia Geral, Levy Batista, o secretário da Mesa da Assembleia-Geral, Maria José Ribeiro, e o membro do Conselho Directivo, Susana Luís.

Encarnação Raminho, do Conselho Directivo, apresentou o Relatório de Actividades do ano de 2015, pormenorizando todas as iniciativas levadas a cabo pela URAP. Álvaro Contreiras, do Conselho Fiscal, destacou no Relatório de Contas as dificuldades financeiras da URAP, informando que a organização teve despesas superiores às receitas em 1037,70 euros e que o valor das quotas recebido foi de 12391,60 euros, que ficou aquém das expectativas traçadas na última Assembleia.

O presidente do Conselho Fiscal sublinhou a necessidade de se tomarem medidas para uma maior e melhor recolha de fundos, nomeadamente através da quotização e a rentabilização da venda de materiais produzidos pela URAP. Coube a Marília Villaverde Cabral fazer a intervenção sobre a proposta do Conselho Directivo para o Plano de Actividades para 2016-2017. José Pedro Soares, membro do Conselho Directivo, falou sobre questões internacionais, sendo seguido por Maria José Ribeiro, da Mesa da Assembleia-Geral, que relatou a actividade do núcleo do Porto. A questão dos fundos da URAP foi abordada por Diamantino Torres, membro da Conselho Fiscal da URAP.

CRESCER E REFORÇAR





Tomaram em seguida a palavra vários responsáveis dos núcleos da URAP. Bento Luís dissertou sobre a actividade e as dificuldades encontradas no concelho de Vila Franca de Xira, e Susana Luís, em nome de Luís Almeida, leu um texto sobre a presença da URAP nas redes sociais, particularmente no Facebook, onde é acompanhada por 1700 pessoas e cujas publicações alcançam, em média, 600 utilizadores.

Cláudio Pereira discorreu sobre o núcleo de Santa Iria de Azóia, Mário Araújo sobre o de Almada e Pedro Soares sobre a delegação de Setúbal. Interveio ainda José Vargas, sobre o trabalho do núcleo de professores da URAP.

Olga Macedo, em nome do Conselho Directivo, leu a moção apresentada à Assembleia, intitulada Cumprir a Constituição é cumprir e defender Abril, que foi aprovada por unanimidade e aclamação. O documento apela a todos os democratas, patriotas e antifascistas a para defendam activamente a Constituição contra as tentativas de reduzir ou deturpar os direitos e liberdades nela consagrados.

Votaram-se e aprovaram-se sempre por unanimidade o Relatório de Actividades do ano 2015, o Balanço, Contas e Parecer do Conselho Fiscal do ano 2015, e o Plano de Actividades para 2016-2017. A Assembleia aprovou, igualmente, uma saudação ao Congresso da CGTP-IN, que se realizava naquele momento em Almada. A Ecolojovem, organização de juventude do Partido Ecologista «Os Verdes» enviou uma saudação à Assembleia-geral.

Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP, fez a intervenção de encerramento, perante mais de 40 sócios.

INTENSA ACTIVIDADE EM 2016



No ano de 2016, a URAP tem pela frente muitas actividades que precisa de levar a cabo com a participação activa dos membros da organização, destacando-se desde já a celebração dos 40 anos de vida da URAP, a homenagem aos tarrafalistas, a evocação dos 80 anos do início da Guerra Civil de Espanha e a comemoração do 42.º aniversário do 25 de Abril. Sobre isto falou Marília Villaverde Cabral na abertura da Assembleia-Geral da URAP, lembrando igualmente iniciativas que continuam do ano de 2015.

Recordando a viagem a Angra do Heroísmo, nos Açores, onde os participantes visitaram os locais utilizados por alguns dos presos políticos em trânsito para o Tarrafal, como o Forte de S. Sebastião e o Forte de S. João Baptista, afirmou que a partir de Maio a URAP vai fazer uma investigação na Torre do Tombo para apurar os nomes de todos os antifascistas que ali estiveram encarcerados. «Em conjunto com a Câmara de Angra do Heroísmo, com quem estamos em contacto, encontraremos a melhor forma de honrarmos aqueles heróis e contribuirmos para o enriquecimento da História do nosso País», disse a coordenadora da URAP.

Relatando outra tarefa a concretizar, referiu-se ao projecto museológico «Do Heroísmo à Firmeza», salientando a grande vitória que constituiu a assinatura do protocolo com o Ministério do Exército, «de que a companheira Maria José Ribeiro foi grande impulsionadora».



PRIORIDADE AOS NÚCLEOS

Para a coordenadora, a URAP deve dar prioridade à criação e dinamização de núcleos por todo o País, ao estabelecimento de mais protocolos de cooperação com câmaras municipais, juntas de freguesia e outras instituições, à apresentação da maqueta do memorial com o nome de todos os antifascistas que estiveram presos no Forte Peniche, uma iniciativa da URAP com a Câmara de Peniche.

A propósito do aniversário da URAP, Marília Villaverde Cabral lembrou que a organização nasceu «da vontade de antifascistas que pertenceram à Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, de tarrafalistas e de outros democratas que, independentemente da liberdade já conquistada, consideraram importante a existência de uma associação que lutasse contra o branqueamento do fascismo, pela paz e pela democracia».

«Para comemorar os 40 anos da URAP, vamos festejar, vamos conviver, vamos lembrar os tempos duros do fascismo que, por muito que tentassem os fascistas, não conseguiam roubar-nos a alegria de convivermos, de estarmos juntos por lutarmos por ideais de liberdade, de paz e de uma vida melhor para o nosso povo.»



PAZ, LIBERDADE, SOLIDARIEDADE

A complexa situação nacional e internacional e a nova correlação de forças existente, em Portugal, na Assembleia da República, foram questões destacadas pela coordenadora da URAP no discurso de encerramento da Assembleia-geral. Para Marília Villaverde Cabral, «foi possível travar o passo a várias medidas que, levadas a cabo pelo anterior Governo, representaram um profundo retrocesso económico, social e democrático, bem como a outras que estavam na sua agenda política».

Valorizando a necessidade de «continuar a intervir para dar mais força a uma política de desenvolvimento, de progresso social e criação de emprego», a URAP alerta para o facto de 2016 ser «mais um ano de grande exigência para os democratas». É necessário empreender uma política que «defenda a soberania nacional, liberta das pressões a que o nosso país tem vindo a ser sujeito pela União Europeia e pelo grande capital, os endeusados mercados».

A terminar, Marília Villaverde Cabral lançou um apelo aos sócios da URAP para que contribuam cada vez mais para o «desenvolvimento da luta pela paz, pela liberdade, pela solidariedade internacional».



PROFESSORES CONTRA O BRANQUEAMENTO DO FASCISMO

A fim de combater o branqueamento do fascismo, o núcleo de professores da URAP vai organizar um inventário de espaços da cidade ligados à resistência antifascista, com vista à publicação de um roteiro.

A brochura servirá também de apoio a visitas e a outras iniciativas que contribuam para combater a reescrita da história que desvaloriza e procura apagar a importância da luta e da resistência antifascista na conquista da liberdade e da democracia.

Para tal, o núcleo vai recolher depoimentos e testemunhos de resistentes mais directamente relacionados com os locais inventariados, em matérias como a prisão e tortura, tribunais, censura, resistência cultural, lutas estudantis, casas e tipografias clandestinas, greves, manifestações, lutas operárias e populares, nomeadamente. O núcleo dos Professores apelou ao contributo de todos.

A PALAVRA AOS NÚCLEOS

Os formidáveis avanços tecnológicos das últimas décadas não conseguiram acabar com as desigualdades e a fome, que afecta 800 milhões de pessoas no mundo, afirmou Cláudio Oliveira, do núcleo de Santa Iria de Azóia, na Assembleia-geral. O orador lembrou ainda as guerras no Afeganistão, Iraque, Líbia e Síria e a ocupação de territórios da Palestina, que provocaram uma enorme onda de refugiados que ultrapassou a vaga de deslocados da II Guerra Mundial.

Cláudio Oliveira referiu-se ainda à actividade da URAP em 2015, destacando a passagem da Tocha da Paz, as comemorações do 25 de Abril e as tradicionais visitas guiadas, desta feita a Grândola e Palmela. A prioridade do núcleo é alargar o número de sócios, particularmente jovens.

«Continuar o trabalho didáctico e pedagógico no sentido da informação, esclarecimento de todos os portugueses, sobretudo dos mais jovens», é a tarefa que o núcleo Cova da Piedade/Almada da URAP se propõe para o ano de 2016, como revelou Mário Araújo. Apresentando perante a Assembleia-geral a actividade realizada em 2015, o núcleo destacou a passagem da Tocha da Paz pelas 11 freguesias do concelho de Almada, as sessões nas escolas e as comemorações do 25 de Abril e do 5 de Outubro.

O núcleo da Cova da Piedade/ Almada tem uma situação financeira regularizada e os seus membros têm as quotas em dia, lamentando apenas o facto de não ter ainda conseguido uma sede própria.

Uma brochura que registe locais e acções da resistência nos concelhos de Palmela e Setúbal vai ser publicada, em 2016, pela delegação de Setúbal da URAP, já que para tal está assegurado o financiamento da publicação, estando previsto igualmente a renovação do Protocolo com a Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE), celebrado em 2007, e a assinatura de novos protocolos.

À laia de balanço de 2015, Pedro Soares destacou na Assembleia-geral a participação do núcleo de Setúbal nas iniciativas com a Tocha da Paz da FIR, as conversas sobre o fascismo e os valores de Abril em oito escolas, a promoção de um ciclo de cinema antifascista, a participação nos desfiles das comemorações do 25 de Abril em Setúbal e em Lisboa, e a integração na Comissão Promotora da Tribuna Pública de denúncia e condenação das manobras da NATO em território português.

Apesar da batalha vitoriosa da criação do projecto museológico "Do Heroísmo à Firmeza", na antiga cadeia do Porto, ter consumido grande parte das energias do núcleo do Porto, nomeadamente na recolha de 4.700 assinaturas para a Petição a apresentar na Assembleia da República, outras actividades ocorreram em 2015 com destaque para a passagem da Tocha da Paz com sessões organizadas nas escolas e nas colectividade.

Maria José Ribeiro referiu ainda na Assembleia-geral as comemorações do 25 de Abril e a angariação de apoio financeiro para pôr de pé a iniciativa "Do Heroísmo à Firmeza" que vão estar na ordem do dia em 2016.



Ó ALENTEJO ESQUECIDO, 'INDA UM DIA HÁS-DE CANTAR

José Afonso, ao escrever este poema, embora com esperança que o dia chegasse, não sabia que a 27 de Novembro de 2014 o Alentejo sempre esquecido iria cantar para todo o Mundo e o seu Cante iria passar a ser Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Apesar de várias tentativas anteriores para se avançar com a candidatura do Cante Alentejano a património mundial, é em Março de 2013 que a Câmara Municipal de Serpa e a Entidade Regional de Turismo do Alentejo dão oficialmente entrada da candidatura no Comité Internacional da UNESCO. Mas todo este percurso contou desde o início com o apoio de muitas entidades, como a Confraria do Cante, de muitos municípios, de muitas individualidades, de grupos e cantadores.

Como disse Lopes Graça, «tem de ir ao coração do Alentejo, a Serpa e seu termo, quem quiser conhecer uma das mais genuínas e curiosas manifestações do génio do nosso povo». E a URAP foi a Serpa: visitou a Casa do Cante, um belo edifício totalmente recuperado pelo município de Serpa, tomou conhecimento do projecto através do qual se procura promover a música e a cultura, dinamizando grupos infantis e de jovens para que este património, expressão da vida, do trabalho e da luta do povo alentejano, não se perca no tempo e, pelo contrário, continue bem vivo e inovador.

Num encontro com o presidente da Câmara, Tomé Pires – em que a URAP propôs uma mais estreita colaboração com o município de Serpa –, surgiu a ideia de se noticiar este acontecimento no Boletim. O Cante Alentejano, Património Imaterial da Humanidade, é um orgulho para os alentejanos, mas também para todos os portugueses para quem o Alentejo significou o horror do fascismo, da fome, da miséria, mas também a resistência e, no 25 de Abril, a Reforma Agrária.

Nem o nortenho Miguel Torga resistiu à terra alentejana e, num belo texto, pode ler-se: «Diante de um tapete de Arraiolos, ou a ouvir uma canção a um rancho de Serpa, implico o habitante e o habitado no mesmo processo criador e louvo-os no mesmíssimo entusiasmo. Não há arte onde o homem não é livre e a natureza não quer.»

E o tempo passa e a vida muda e o Alentejo permanece belo, solidário e sempre grande fonte de inspiração para novas gerações.

«É tão lindo o Alentejo…»













RECORDAR A DITADURA PARA DEFENDER A LIBERDADE







A URAP organizou, no dia 13 de Fevereiro, uma visita guiada ao Museu do Aljube, que abriu portas em 25 de Abril de 2015, a fim de homenagear os antigos presos políticos naquele estabelecimento prisional e todos quantos combateram a ditadura em prol da liberdade e da democracia. O grupo, composto por 34 pessoas, foi guiado por Domingos Abrantes, da Comissão Instaladora do Museu do Aljube.

O guia da visita é um destacado militante do PCP que passou mais de 11 anos nas prisões fascistas e protagonizou, juntamente com outros camaradas seus, a célebre fuga de Dezembro de 1961, da Cadeia de Caxias, no carro blindado de Salazar. Foi deputado entre 1976 a 1995 e recentemente foi eleito para o Conselho de Estado.

Prisão de mulheres e prisão política desde 1928 até 1965, o actual museu do Aljube é composto por cinco pisos: no primeiro, aborda-se a ascensão e queda dos fascismos e a censura sobre os meios de comunicação social e a produção livreira e discográfica durante a ditadura (1926-1974). Mostra-se, também, a importância da imprensa clandestina, ao mesmo tempo que se evoca a clandestinidade enquanto modo de resistência. A natureza da polícia política e o papel dos tribunais políticos, meros executores das ordens da polícia e dos seus responsáveis, são também sublinhados.

O piso 2 é dedicado aos modos de organização da resistência antifascista em diferentes contextos sociais, políticos e ideológicos e resume o funcionamento conjugado do poder policial e judicial da ditadura, mostrando o destino do preso desde o momento da sua captura: identificação, interrogatório e tortura. Apresenta ainda a complexa teia de prisões e campos de concentração instalados nas diferentes colónias, para onde era frequente a deportação arbitrária dos presos, e as condições prisionais. O piso 3 dá a conhecer aspectos marcantes do colonialismo, das lutas de libertação dos povos coloniais e da guerra colonial e da solidariedade de muitos portugueses com essa luta. Aí evoca-se também os muitos companheiros que ficaram pelo caminho, vítimas do sistema repressivo da ditadura e a conquista da liberdade e da democracia a 25 de Abril de 1974. O museu apresenta ainda aos visitantes, no piso -1, a história patrimonial do Aljube e alguns vestígios arqueológicos. No piso 0, há um espaço dedicado a exposições temporárias, onde se encontrava patente a mostra designada «Manifestação, um direito». No piso 4 há um Auditório, onde Domingos Abrantes dialogou com o grupo da URAP.



A URAP FAZ 40 ANOS: VAMOS TODOS FESTEJAR

A URAP vai fazer 40 anos no dia 30 de Abril . Para comemorar este aniversário está marcado um almoço no Restaurante Valenciana, em Lisboa. As inscrições podem ser feitas através do número 213 576 083 ou do endereço de email geral@urap.pt

A URAP é herdeira da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP), criada durante a ditadura por antifascistas que enfrentavam a repressão para defender os presos políticos, prestar-lhes apoio material e jurídico e divulgar a sua situação em Portugal e no estrangeiro. Tem como sócios homens e mulheres que se destacaram na luta contra o fascismo e jovens nascidos depois de Abril que lutam pela consolidação das liberdades alcançadas.

Com sede em Lisboa e núcleos em vários pontos do País, a URAP realizou muitas acções ao longo destes 40 anos, sozinha ou em parceria com outras organizações nacionais e internacionais: sessões, comemorações, visitas, viagens, um sem número de actividades que contam com a participação de muitas pessoas e são divulgadas através do Boletim, da Página na Internet e no Facebook para, festejando ou denunciando, dar a conhecer o seu trabalho em prol do Portugal democrático.



VAMOS COMEMORAR O 25 DE ABRIL



A URAP vai estar presente nas comemorações populares do 25 de Abril por todo o País, promovidas por um amplo conjunto de organizações políticas e cívicas, com especial ênfase para a Avenida da Liberdade, em Lisboa, e para a Avenida dos Aliados, no Porto.

A juventude tem sempre um lugar de destaque nestas comemorações e, por isso, a URAP vai deslocar-se a escolas e associações para levar o testemunho do que foram os anos de fascismo e a construção da democracia.

No momento que Portugal atravessa, em que por um lado se abriram algumas perspectivas de melhorar a vida dos portugueses e por outro permanecem as pressões das forças reaccionárias do País e da Europa, todos os sócios e amigos da URAP, todos os democratas e amantes do progresso e da liberdade devem comemorar o 25 de Abril de 2016.

No 42.º aniversário da Revolução dos Cravos, que pôs fim ao fascismo, continua a luta pelo emprego com direitos, contra o desemprego, as injustiças e a desigualdade, pela educação e saúde para todos, pela integração digna das minorias, pela cultura ao serviço da população. Abril é o futuro que temos de construir todos os dias.

- Em **Lisboa**, concentração às 14h30 junto ao Diário de Notícias, na Avenida da Liberdade;

- No **Porto**, 14H00 junto ao edifício da ex-Pide - Homenagem à Resistência antifascista e início, às 14h30, do Desfile até à Praça da Liberdade.

HOMENAGEM AOS TARRAFALISTAS



A 2 de Abril realizou-se a romagem anual ao mausoléu dos antifascistas presos no Campo de Concentração do Tarrafal, no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa, organizada pela URAP. Por ter coincidido com o fecho da nossa edição e sem prejuízo de um texto com maior desenvolvimento num futuro boletim, dezenas de militantes da URAP prestaram mais uma vez homenagem aos 340 presos políticos que passaram pelo campo, entre 1936 e 1954, 32 dos quais aí perderam a vida – os mesmos que se encontram sepultados naquele mausoléu.

Sujeitos às mais vis privações, à falta de cuidados médicos, às doenças tropicais, ao trabalho forçado, os presos políticos resistiram e lutaram também eles dentro do campo. Os resistentes antifascistas portugueses nunca esquecerão que existiu um campo de concentração, o Campo da Morte Lenta, que se destinava a prender e a torturar, muitas vezes até à morte, os verdadeiros heróis, aqueles que lutaram por um Portugal livre e democrático.

As gerações nascidas depois de Abril devem conhecer e ter orgulho do seu passado histórico e devem ser os seus continuadores. A URAP tudo fará para evitar que haja branqueamento do fascismo em Portugal. Para que nunca mais aconteça!



